



FENÔMENOS METEOROLÓGICOS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O EMPREGO DA TERMINOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA A SERVIÇO DA SOCIEDADE

Dr. Andrey Luis Binda

Professor do curso de Geografia

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Você sabe diferenciar os conceitos aplicados pelos meios de comunicação no que se refere ao tempo atmosférico?

Na foto, tempestade em Chapecó/SC.



Tempestade, vendaval, tornado, microexplosão, ciclone e furacão... notícias que levam palavras como estas por si só assustam. Mas muitas vezes, o susto ou estranheza ocorre, também, por meio de uso de palavras que não são empregadas no dia a dia.

Hoje, a difusão de termos científicos nos meios de comunicação tem promovido que palavras que até recentemente eram empregadas exclusivamente na academia, estejam aparecendo na mídia como forma de apresentar e elucidar fenômenos extremos associados ao tempo atmosférico. Contudo, o uso dessa terminologia ainda provoca confusões, principalmente para o público não especializado. Não somente o emprego desses termos, mas inclusive a adjetivação deles, como o recente mencionado "ciclone bomba" aparece como um exemplo ainda fresco na memória.

Aqui, a convite da equipe editorial do "Jornal Geográfico (JG)" buscamos diferenciar esses fenômenos meteorológicos, com a intenção de esclarecer as diferenças e a aplicação desses termos, ora tão empregados pelos meios de comunicação. Vale mencionar, que não

se tem, nem de longe a premissa de se construir o estado da arte que envolve esse assunto e por isso, limitamo-nos a abordar aqueles seis apresentados na primeira frase deste texto. A escolha desses se justifica por esses se apresentarem como fenômenos meteorológicos de ocorrência relativamente comum aqui no sul do Brasil. Buscamos assim, abordá-los a partir de uma redação acessível e de fácil compreensão à todos os leitores, não necessariamente, oriundos da nossa querida Geografia.

Para começarmos essa jornada por esses termos da meteorologia/climatologia, vamos abordar as tempestades, afinal, outros fenômenos meteorológicos que iremos apresentar são originados a partir delas, como veremos a seguir. Trata-se de um sinônimo para outra palavra que para alguns pode soar mais comum: temporal. Inclusive, a única diferença que existe entre elas é que enquanto a primeira é, normalmente empregada no contexto científico, a segunda é de uso popular. Sua ocorrência depende de três ingredientes: ar quente, umidade e um ambiente instável. Vamos lembrar que o ar quente é mais leve e portanto, entra em ascensão carregando o vapor d'água para altitudes cada vez maiores. A condensação cria nuvens de tempestade chamadas de *cumulonimbus*, que podem induzir a chuva intensa (que pode provocar inundações, alagamentos, enxurradas e deslizamentos de encosta), granizo, descargas elétricas, rajadas de ventos

e até mesmo, tornados (VIANELLO; ALVES, 2012).

Notem, portanto, que uma tempestade, ou um sistema de tempestade – este compreendido como núcleos de tempestades formados pela persistência da instabilidade atmosférica – podem intensificar as rajadas de vento e induzir a três outros fenômenos meteorológicos, os quais trataremos agora: vendaval, microexplosão e tornado. O primeiro pode ser considerado por fortes rajadas de vento decorrente da movimentação do ar (CASTRO *et al.*, 2003). Para que o ar entre em movimento, existem vários fatores envolvidos, mas aqui, vou me ater a somente um: o gradiente de pressão. A pressão atmosférica varia dependendo de vários componentes, de tal modo que podem ser encontradas tanto áreas com alta pressão (anticlonais), como áreas de baixa pressão (ciclônicas). O ar se desloca de áreas de alta para baixa pressão e isso é uma regra. Quanto maior a diferença entre as pressões, maior é a velocidade de deslocamento do ar. Assim, um ambiente instável e favorável ao surgimento de tempestades é o palco para que essas diferenças de pressão ajam no sentido de potencializar os fluxos de ar (VIANELLO; ALVES, 2012).

Muitas vezes confundidos com os vendavais estão as microexplosões. Também originárias de tempestades, as microexplosões correspondem a subsidência súbita da coluna de ar descendente – em geral de no máximo

4 km de diâmetro – que atinge violentamente o solo. Imaginem a microexplosão como se a nuvem fosse "jogada" forçadamente em direção ao solo. São fenômenos de curta duração, mas que podem gerar danos comparáveis a tornados na escala F-1 (NWS/NOAA, 2020). Mas o que as diferencia dos tornados? Bom, estes, por sua vez se apresentam como vórtices afunilados de ventos em alta velocidade e com elevado potencial de sucção que descem das nuvens e tocam o solo (CASTRO *et al.*, 2003). Para a ocorrência de tornados, a tempestade (ou super-célula) precisa ter rotação e cisalhamento de vento – ventos com intensidades e por vezes direções distintas. Tornados são classificados pela emblemática escala Fujita, podendo variar de F0 até F5, da intensidade mais fraca à mais destrutiva (KOBİYAMA *et al.*, 2006; CANDIDO, 2012).

Esses três fenômenos tendem a gerar danos que, embora num primeiro olhar possam parecer similares, possuem características bem distintas. Nos vendavais, os danos são mais abrangentes, enquanto nas microexplosões e nos tornados são mais localizados. Inclusive, muitas vezes, quando não há testemunhas oculares ou registros, os danos provenientes de microexplosões e tornados podem até ser confundidos. Contudo, enquanto nas microexplosões, os danos tendem a apresentar-se a partir de uma área central, nos tornados há um rastro de destruição bem definido. A disposição dos escombros também são um

indício do fenômeno, uma vez que no caso dos vendavais estes se encontram orientados conforme a direção do vento, ao passo que nas microexplosões são radiais, enquanto nos tornados não há direção preferencial (KOBİYAMA *et al.*, 2006; NWS/NOAA, 2020).

Agora vamos tratar de fenômenos meteorológicos de grande escala. Ciclones e furacões podem ser tratados como sinônimos, assim como outro termo de uso bem menos comum, tufão. Há algumas linhas atrás vocês devem ter notado que eu chamei as áreas de baixa pressão de ciclônicas, lembram? Pois bem, é exatamente isso. Um ciclone é um centro de baixa pressão atmosférica. Nesses locais os ventos convergem a um centro e intensificam a ascensão do ar, formando um sistema de tempestade que giram em torno de um centro, chamado de "olho". Os ciclones podem ser diferenciados em três: os tropicais e comumente chamados de furacões, propriamente ditos, os extratropicais e os subtropicais ou híbridos (KOBİYAMA *et al.*, 2006; REBOITA *et al.*, 2017).

Todos os anos nós vemos no noticiário furacões que atuam no mar do Caribe e na costa dos Estados Unidos, ou ainda na costa do Japão. Esses sistemas de baixa pressão são alimentados pelas águas quentes do oceano que, quanto maior a temperatura, maior o potencial de desenvolvimento. Eles se diferem dos ciclones extratropicais, que sim, são bem comuns aqui no sul do Brasil.

Toda a vez que nós ouvimos que uma frente fria avança por aqui, ela sempre está conectada a um ciclone extratropical no oceano. Já os ciclones subtropicais ou híbridos como o nome sugere, tem similaridades com ambos. Um exemplo notável desse tipo foi o furacão Catarina que atingiu Santa Catarina e o Rio Grande do Sul em 2004. Uma escala chamada de Saffir-Simpson é utilizada para classificar o tamanho e a intensidade dos ciclones (VIANELLO; ALVES, 2012; KOBİYAMA *et al.*, 2006).

Mas e o tal de ciclone bomba? Onde ele se enquadra? De antemão é importante salientar que o termo existe e é bastante empregado na literatura científica de língua inglesa. Não é um termo novo, mas seu uso aqui no Brasil é bastante restrito à pesquisadores que atuam na área de meteorologia e climatologia. Primeiramente, é preciso ter em mente que todo ciclone tem sua origem a partir de um processo chamado de ciclogênese, ou seja, o desenvolvimento de uma circulação ciclônica em um centro de baixa pressão. É exatamente isso que acontece e aconteceu com o ciclone

extratropical formado no último dia 30 de junho. Mas por que a adjetivação? O que ele tem de diferente dos demais? Chamar um ciclone de bomba, se refere ao rápido desenvolvimento e intensificação desse sistema, no qual a queda da pressão atmosférica é pronunciada (24 hPa/dia). Isso instabiliza a atmosfera e oferece as condições para que nuvens de tempestade se desenvolvam e "explodam" sobre determinado local. Ainda, no caso, a ciclogênese ocorreu sobre o continente e alimentada por um canal de umidade (HARRIS; LANFRANCO, 2017).

Bom, por aqui concluímos nosso passeio por essas palavras usadas no meio científico e cada vez mais empregadas nos meios de comunicação. A difusão da ciência para além dos centros de pesquisa e das universidades é algo importante para levar à comunidade em geral os avanços no conhecimento. Os meios de comunicação têm, assim, uma contribuição salutar para que isso ocorra, desde que respaldados por profissionais especializados e que tenham como intenção o cunho informativo.

REFERÊNCIAS:

CANDIDO, D.H. **Tornados e trombas d'água no Brasil: modelo de risco e proposta de escala de avaliação de danos.** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. 236 p.

CASTRO, A.L.C.; CALHEIROS, L.B.; CUNHA, M.I.R.; BRINGEL, M.L.N.C. **Manual de desastres.** Vol.1. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003. Disponível em: <http://www.defesacivil.gov.br/publicacoes/publicacoes/Desastres_Naturais_Voll.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2013. 174p.

HARRIS, A.,J.L.; LANFRANCO, M. Cloudburst, weather bomb or water bomb? A review of terminology for extreme rain events and the media effect. **Weather**, v.72, n.6, p.155-163, jun. 2017.

KOBIYAMA, M.; MENDONÇA, M.; MORENO, D.A.; MARCELINO, I.P.V.; MARCELINO, E.V.; GONÇALVES, E.F.; BRAZETTI, L.L.P.; GOERL, R.F.; MOLLERI, G.S.F.; RUDORFF, F.M. **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos.** Curitiba, PR: Ed. Organic Trading, 2006. 109 p.

NATIONAL WEATHER SERVICE; NATIONAL OCEANIC AND ATMOSPHERIC ADMINISTRATION. **What is a Microburst?** Disponível em: <https://www.weather.gov/bmx/outreach_microbursts>. Acesso em: 20 jul. 2020.

REBOITA, M.S.; GAN, M.A.; ROCHA, R.O.; CUSTÓDIO, I.S. Ciclones em superfície nas latitudes austrais: Parte I - Revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v.32, n.2, p.171-186, 2016.

VIANELLO, R.L.; ALVES, A.R. **Meteorologia básica e aplicações.** 2.ed. Viçosa: Editora UFV, 2012. 460 p.

INFORMES GERAIS

ATA DA ASSEMBLEIA ORDINÁRIA DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA 02 DE JULHO DE 2020

No dia dois de julho de 2020, ocorreu a primeira assembleia ordinária, do ano de 2020, dos estudantes do Curso de Graduação em Geografia, Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, convocada pela Diretoria do Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro, com quórum de 21 discentes presentes. A assembleia foi realizada por meio de videoconferência, logo que, o calendário acadêmico mantém-se suspenso devido a pandemia da COVID-19. O Coordenador do curso de Geografia, Willian Zanete Bertolini, participou da assembleia para contribuir com uma das pautas. A Assembleia foi presidida pelo Vice coordenador geral do CAGET, Eduardo Cesar da Costa, que a iniciou com a prestação de contas semestral do CAGET. Foram apresentadas as ações desempenhadas pela diretoria do CAGET, como a recepção dos calouros 2020.1, a calourada do curso, o lançamento do JG, 4 assembleias estudantis, e demais atividades. Ainda, ocorreu a prestação de contas das atividades financeiras do CAGET, que foi aprovada por unanimidade.

<p>Repasses da gestão anterior R\$ 1371,36 Despesas no decorrer da gestão R\$ 590,37 Saldo atual em caixa R\$ 780,99</p>
--

Em seguida, deu-se início aos debates sobre a segunda pauta da assembleia, que trata da reavaliação do posicionamento dos estudantes do curso quanto a realização de aulas EAD, como forma de continuidade dos estudos na graduação. Após os debates e a explanação do Coordenador do Curso, que apresentou documentos como o Ofício Circular nº. 7/2020-PROGRAD, o Ofício PROGRAD nº. 12/2020, e informações sobre o tema quanto ao MEC, os estudantes deliberaram pela adesão à modalidade EAD/Semipresencial, para todas as fases do curso de Geografia. Foram 12 estudantes favoráveis, 7 contrários e 2 abstenções. O CAGET encaminhará esta ata à

coordenação do curso, para que o debate se estenda ao colegiado. Nos informes gerais, o Vice-coordenador do CAGET ressaltou a importância da participação dos estudantes nas reuniões do colegiado, tendo em vista que são pautas do interesse de todos. Também informou sobre o lançamento da 6ª Edição Periódica do JG. Sem mais informes, a assembleia deu-se por encerrada.

Eduardo Cesar da Costa

Vice Coordenador Geral do Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro - CAGET
UFFS - Chapecó
Chapecó, 02 de julho de 2020.

Fonte:

<https://cagetuffs.files.wordpress.com/2020/07/ata-da-assembleia-ordinc3a1ria-dos-estudantes-do-curso-de-geografia-1.pdf>

DIVULGADO O RESULTADO FINAL DOS PROGRAMAS RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E PIBID

No último dia 28 de julho, foi publicado no site da UFFS, o resultado final dos programas Residência Pedagógica (PRP) e PIBID. O resultado final do PRP pode ser acessado por meio do link <https://www.uffs.edu.br/UFFS/atosnormativos/edital/prograd/2020-0031>, e do PIBID em <https://www.uffs.edu.br/UFFS/atosnormativos/edital/prograd/2020-0030>.

Além disso, existe [outro edital em aberto](#) de vagas remanescentes para o PRP, mas sem vagas disponíveis para o curso de Geografia, que preencheu todas as 16 vagas de bolsista, 4 de voluntário e 2 no cadastro de reserva. No PIBID, foram selecionados 16 bolsistas e com 1 desclassificado por não atender as exigências do Edital de inscrições.

Att. Equipe de Redação do JG.



DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

Entendendo a realidade em que vivemos, o Diretório Central das e dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, está realizando ações que visam promover passatempo e distração, juntamente com a construção do conhecimento crítico dos discentes, docentes, técnicos e de toda a comunidade regional.

Uma das ações é intitulada, #DCEindica, e pretendendo realizar indicações quinzenais de filmes, séries e documentários. As temáticas são escolhidas com base em datas importantes e sugestões dos estudantes. As sugestões dos estudantes podem ser realizadas por meio do preenchimento de um formulário online que está disponível na biografia do Instagram, ou pelo link: encurtador.com.br/dIOYZ.

As indicações serão publicizadas no Instagram do DCE - @dceuffs.

A última publicação da ação #DCEindica, abordou o ativismo negro, e os filmes, séries e documentários indicados foram: Estrelas além do

tempo, O ódio que você semeia, Raça, Dear white people, Menino 23 - Infâncias perdidas no Brasil.



*Diretório Central dos Estudantes - Gestão Da
Unidade Nascerá a Esperança*

PESQUISA CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

PESTE SUÍNA AFRICANA: NOTAS PRELIMINARES DE PESQUISA

Clóvis Alceu Cassaro
clovis_c@hotmail.com

Universidade Federal da Fronteira Sul
 Bolsista IC - FAPESC/UFFS

A Peste Suína Africana (PSA) é uma epidemia viral que assola suídeos de todas as espécies, desde os domésticos até os selvagens, e que possui altos índices de mortalidade. O risco representado pelo vírus é tamanho que sua notificação é obrigatória às entidades de proteção à saúde animal nacionais e internacionais (BELTRÁN-ALCRUDO, 2017). O combate à peste se dá em diferentes frentes, cabendo destacar as barreiras sanitárias, restrições de comercialização dos produtos derivados de suínos e o abate (sacrifício) de animais infectados.

No Brasil, a PSA é conhecida pelo surto ocorrido no ano de 1978, cujos efeitos foram sentidos por suinocultores de todas as latitudes, incluindo, como nos mostra Zanotto (2013), o estado de Santa Catarina, em especial em sua região Oeste como ilustrado na **Imagem X**, foco de nossa pesquisa.

Considerado isso, a pesquisa que está sendo realizada, sob orientação do Prof. Dr. Marlon Brandt, busca identificar, compreender e analisar os impactos decorrentes das medidas de combate à peste aos produtores e ao complexo agroindustrial regional como um todo, visto que, embora seja um fato marcante na história da região, existam poucos trabalhos que versem sobre o mesmo.

Como fontes, utilizamos principalmente periódicos locais da época tratada e revistas próprias da temática agroindustrial, maioria dos quais disponibilizados pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), Centro de Memória Alfa/Maxicrédito (CEMAC) e pela plataforma digital da Biblioteca Nacional, bem como dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Imagem X - Figura dos municípios do Oeste afetados pela PSA



Fonte: (ZANOTTO, 2013, p.140)

Referências

- BELTRÁN-ALCRUDO, Daniel. *et al.* African swine fever: detection and diagnosis. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), 2017.
- ZANOTTO, André Luís. **Senhores e criadores**: uma história do combate à Peste Suína Africana em Santa Catarina (1978). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2013.

PESQUISA CIENTÍFICA NA PÓS-GRADUAÇÃO

ALTERAÇÕES HIDROLÓGICAS EM LOTEAMENTOS IMPLEMENTADOS ENTRE 2004 E 2018 EM CHAPECÓ/SC

Cássia Regina Segnor
cassiasegnor@gmail.com

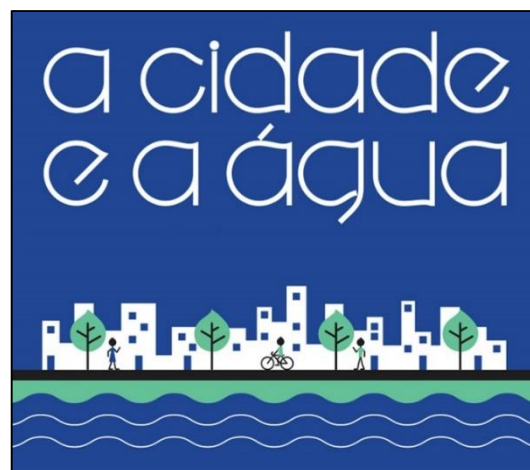
PPG GEO, Universidade Federal da Fronteira Sul

O século XXI iniciou com um grande desafio para as cidades brasileiras: tentar resolver os problemas urbano-ambientais originados nas décadas anteriores. A urbanização que ocorreu no país, sobretudo a partir de 1960 (SANTOS, 1993), trouxe consigo um crescimento populacional expressivo que acabou territorializando as desigualdades socioespaciais. As cidades cada vez mais populosas e urbanizadas, passaram a interferir de modo crucial no ciclo hidrológico natural, o que gerou alterações não apenas no ambiente, mas na qualidade de vida da população.

Seguindo a lógica nacional, Chapecó/SC começa a ter sua paisagem urbana alterada de maneira mais expressiva na década de 1970, devido ao movimento migratório que caracterizou a cidade neste período. Embora a agroindústria tenha sido a grande propulsora de sua economia, o ônus ocasionado por ela também foi significativo em seu território. A exclusão social e a negligência com as questões ambientais recorrentes desde sua colonização, refletiu consequências nos cursos d'água, o que incidiu também nas bacias hidrográficas urbanas.

Os problemas urbanos, principalmente aqueles ambientais, se constituíram, portanto, a partir das dinâmicas socioeconômicas, históricas e políticas em função da formação territorial chapecoense (FUJITA, 2008). Partindo deste contexto, o

propósito dessa pesquisa concentra-se na identificação das alterações na hidrologia urbana, avaliando o papel da urbanização e dos agentes sociais na influência desses conflitos nos loteamentos. A pesquisa está vinculada a linha de pesquisa "Produção do Espaço e Dinâmicas Naturais", sob orientação do Prof. Dr. Andrey Luis Binda.



Fonte: ArqFuturo/Insper. Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/evento/agenda--a-cidade-e-a-agua-2018>>. Acesso em jul/2018.

Referências:

FUJITA, Camila. *Dilema urbano-ambiental na formação do território brasileiro: desafios ao planejamento urbano no Brasil*. Tese de Doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

DICAS DA EQUIPE DE REDAÇÃO

LIVE DE LANÇAMENTO DO LIVRO

"Dirce Suertegaray, a geógrafa na fronteira do pensamento"

Data e horário: 10 de agosto, às 18h.

A transmissão ocorrerá pelo Canal do YouTube da AGB - Porto Alegre, e contará com a presença da professora Dirce e dos(as) autores(as) do livro.

Link da transmissão:

<https://www.youtube.com/c/AGBPortoAlegre>

Maiores informações:

<https://www.facebook.com/events/3387601347940235>

Live "Globalização e COVID-19: o espaço urbano na atual conjuntura e perspectivas pós pandemia"

Data e Horário: 04 de agosto, às 18h.

Participação: Profa. Dra. Silvana Cristina e Prof. Dr. Glauco Bruce, ambos professores adjuntos da Universidade Federal Fluminense.

Encontro via Google Meet.

O link para a Live será disponibilizado pelas redes sociais:

<https://www.facebook.com/DiretorioAcademicoRuyMoreira/>

Convidamos para um dedo de prosa sobre Ensino de Geografia

Data e Hora: 04 de agosto, às 19h.

Encontro via Google met

Link disponível em [@Leg_urca](#) no **instagram**.

ANÚNCIOS

<p>BM</p>	<p>Trancista e maquiadora</p> <p>in @bm_maqui</p> <p>(49)9 8828 1999</p> <p>Chapecó, SC</p>	<p>TRUFAS ARTESANAIS</p> <p><i>Shara Trufas</i></p> <p>contato: (49)99947-3453</p> <p>*trufas artesanais;</p> <p>*chocolate de qualidade;</p> <p>*ótimo preço.</p>	<p>Atayde Photo</p> <p>"Guardando os momentos com toda sua emoção e revivendo com toda intensidade"</p> <p>@ATAYDE_PHOTO</p> <p>49 9 91255461</p>
<p>LIVROS USADOS E NOVOS EM CHAPECÓ</p> <p>VENDA - COMPRA - TROCA</p> <p>Entregamos em qualquer local de Chapecó</p> <p>Sebo Capim Guiné sebo_capim_guine</p> <p>(49) 9 9941-2517</p>		<p>Gerson Jr. Naibo</p> <p><i>Maquiagens & Consultorias de Beleza</i></p> <p>Não espere mais e agende já o seu atendimento</p> <p>(49) 98889-3172</p> <p>@gersonjuniornaibo</p>	<p>Solar</p> <p>PLANTAS ORNAMENTAIS</p> <p>@plantas_ornamentais_solar</p> <p>(47) 98479-5019 Eduardo</p> <p>(27) 99652-0022 Felipe</p>

MATÉRIA DA EQUIPE DE REDAÇÃO

“Não sou Dom Pedro, mas eu grito Pelo bem do rap, eu fico”

(SABOTAGE)

O JG entrevistou Leonardo C. Daudt, estudante do curso de Licenciatura em Geografia da UFFS e membro do Coletivo Cultural Independente Perifa Chapecó/SC.

Exaltamos o projeto sobre contribuições extremamente significativas para as produções culturais na cidade e a difusão da Cultura Hip-Hop dentro das comunidades de Chapecó, por meio de eventos realizados por eles e pelo programa Perifa no Ar, no rádio.



Arte criada por @alandm.art

Confira a entrevista:

O que é cultura?

“Essa pergunta é boa, difícil de contemplar em uma resposta tudo que significa cultura. Mas acreditamos que cultura seja todas as atividades, hábitos ou costumes preservados por um determinado conjunto de pessoas que para elas expressa algum significado e transmite seus valores. É aquilo que está implícito em nossas atividades cotidianas, que traz significado para elas e é transmitida para as gerações mais jovens. É importante também falarmos da contracultura, que são os conjuntos de manifestações que questionam os “valores” por detrás de uma cultura dita dominante em uma conjuntura social.”

O que é um coletivo cultural?

“Um coletivo cultural é um grupo formado por pessoas que possuem interesses em comum, afim de transmitir os valores e os costumes de uma determinada cultura. No nosso caso, somos um Coletivo Cultura Independente, que atua sem um “apoio fixo” de nenhuma entidade, seja pública ou privada. O movimento que representamos é o movimento da cultura Hip-Hop, em suas mais diversas linguagens, sendo que algumas destas linguagens muitas vezes

podem ser entendidas como contracultura, dependendo do fim com que são empregadas.”

Como e quando nasceu o coletivo?

“O coletivo foi oficialmente formado no início de 2019, afim de dar prosseguimento a alguns eventos independentes que já aconteciam na cidade e na UFFS. Ele surgiu através de um grupo de amigos estudantes da UFFS que já cultivava os princípios do movimento e sentiu na cidade a necessidade de fomentar a "cena". Muitos dos integrantes viveram em áreas periféricas de grandes centros urbanos onde o Hip-Hop se faz muito mais presente, em Chapecó percebemos que faltava muito disso nessas regiões e assim iniciamos escrevendo projetos para editais da Secretaria de Cultura a fim de promover eventos artístico-culturais que promovessem o Hip-Hop na comunidade, levar para os jovens e crianças da periferia de Chapecó o acesso e um primeiro contato com as linguagens do movimento. Outra finalidade desses projetos é a ideia da descentralização e democratização da cultura na cidade, revertendo a concentração desses eventos do centro para os bairros.”

Como foi a recepção da sociedade, como um todo, em relação as ações do projeto?

“No início recebemos algumas portas fechadas, acreditamos que muito se deve à falta de conhecimento dos valores e ideais que estão por trás do Hip Hop. A medida que conseguimos realizar os primeiros eventos e divulgar os resultados as pessoas passaram a entender do que se tratava, hoje podemos dizer que estamos nos consolidando

enquanto referência do movimento na região e muitas pessoas já acompanham e incentivam nosso trabalho.”

O que vocês acham importante transmitir?

“Enquanto fomentadores da cultura Hip Hop, todos os valores resguardados pelo movimento. Respeito, união, resistência, entre outros. Enquanto Coletivo, buscamos muito a ressignificação dos espaços periféricos de Chapecó, que a meninada do bairro entenda o espaço em que vivem, criem carinho por ele e que existem meios de transformar aquele espaço em um local mais agradável para todos. A ideia de emancipação mental também é importante, entender que existem movimentos culturais com os quais eles podem se identificar e que não estão tão presentes nessa região.”

Vocês têm algum trabalho ou manifestação como inspiração e referência?

“Difícil apontar um movimento em especial que nos motivou enquanto referência, admiramos muitas iniciativas que acontecem em diversas regiões do país, mas presamos muito pela autenticidade de cada manifestação do movimento. Utilizamos todas como inspiração, mas sempre buscando produzir algo nosso, de acordo com as capacidades de nossos integrantes e os recursos que temos a disposição. A principal inspiração é aquilo que foi o princípio fundador do Perifa Cultural, o que já comentei anteriormente, movimentar e fomentar na região os princípios do Hip Hop, almejando que um

dia o "cenário" do movimento seja reconhecido."

Essa foi a entrevista com o coletivo Perifa que, com certeza, nos revela a construção de uma história.

O Perifa no Ar é transmitido todo domingo, às 17 horas, na rádio Efapi 105.1 FM.

Sigam eles nas redes sociais
[@perifacultural](https://www.instagram.com/perifacultural).